

UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO

Elisandro Tadeu Carvalho de Matos

JORNALISMO LITERÁRIO NO *PROFISSÃO REPÓRTER*

Passo Fundo

2012

Elisandro Tadeu Carvalho de Matos

JORNALISMO LITERÁRIO NO *PROFISSÃO REPÓRTER*

Monografia apresentada ao curso de Jornalismo da Faculdade de Artes e Comunicação da Universidade de Passo Fundo, como requisito para integralização do curso, sob a orientação do profº Dr. Otavio José Klein.

Passo Fundo

2012

AGRADECIMENTO

Aos meus pais José Tadeu e Nadir, minhas irmãs Carmen e Elizete, meu amigo Everton, ao meu orientador Otavio, ao professor Fábio, ao escritor Felipe Pena, demais familiares, amigos, colegas de curso, professores, e especialmente às pessoas que conviveram comigo durante meu estágio profissional nas entidades de Classe de Carazinho (ACIC, CDL, SINDICAR, OAB, SINDICATO RURAL E SINDICATO DO COMÉRCIO VAREJISTA) e também os profissionais em que trabalhei durante a graduação (TV Pampa Norte e Sincomércio Passo Fundo). Meu muito obrigado pela atenção e por compartilharem comigo todo o aprendizado, oportunidades e conquistas.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todos os colegas jornalistas que, assim como eu, se preocupam de alguma forma em contribuir com a sociedade, ajudando a construir outras formas de se fazer Jornalismo. Àqueles atentos aos avanços tecnológicos do mundo, as atualidades e que acreditam que esta profissão tem uma missão muito além do que simplesmente informar.

RESUMO

O objetivo desta pesquisa é estudar o Jornalismo Literário na televisão. A investigação tem como objeto de estudo a utilização do Jornalismo Literário no programa Profissão Repórter, da Rede Globo. Portanto, a análise tem como metodologia um estudo de estrutura, com base em sete pilares (LIMA e VILLAS BOAS, 2010) que são ferramentas utilizadas para identificar o Jornalismo Literário, também conhecida como estrela de sete pontas (PENA, 2008). A pesquisa concluiu que, por mais que haja pouco jornalismo literário na televisão, o *Profissão Repórter* é Jornalismo Literário.

Palavras-chave: Jornalismo Literário, Profissão Repórter, Jornalismo, Literatura, Sete pilares do JL

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	07
1. JORNALISMO LITERÁRIO: HISTÓRIA E DEFINIÇÃO	09
1.1 Definição de jornalismo, literatura e jornalismo literário	09
1.2 História do jornalismo literário	13
2 JORNALISMO LITERÁRIO NA TELEVISÃO	19
2.1 A televisão como meio de comunicação mais complexo	19
2.2 O jornalismo literário nas reportagens televisivas	21
2.3 Programa <i>Profissão Repórter</i> : jornalismo literário na televisão	23
3. ANÁLISE DO PROGRAMA <i>PROFISSÃO REPÓRTER</i>	26
3.1 O Perfil	26
3.2 A análise	28
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	36

INTRODUÇÃO

O objetivo desta pesquisa é estudar o Jornalismo Literário na televisão. Para isso, a investigação tem como objeto de estudo o programa jornalístico *Profissão Repórter* da Rede Globo.

É interessante que todos os estudantes da área de comunicação possam compreender as definições de Jornalismo, Literatura e a união dos dois elementos, tendo em vista que essa é uma das áreas, para muitos, ainda desconhecida, e que tem como principais funções “quebrar” o mito da utilização do *lead*, e do jornalismo denominado por muitos, como tradicional. Do mesmo modo, poderá ser aproveitado o espaço acadêmico para refletir e contribuir com pesquisas que trabalhem com a utilização do Jornalismo Literário na televisão, atraindo os mais diversos públicos que integram a sociedade.

O Jornalismo Literário é um gênero autônomo, composto por outros subgêneros, segundo Pena (2008, p. 21) que mostra um aprofundamento na reportagem, utilizando um tom narrativo dramático e efeitos que contribuam para uma boa apresentação, ou seja, uma narrativa com linguagem diferenciada, no resultado final.

Além disso, o estudo possibilitará aos profissionais que trabalham com Jornalismo Literário, se inteirar sobre esse recurso que contribui para o crescimento da arte dentro da área da comunicação, visto que é um método de narrativa literária.

A investigação tem como metodologia um estudo dos sete pilares do Jornalismo Literário e a estrela de sete pontas, apresentados nesta pesquisa a partir de referências como Felipe Pena (2008), Lima e Vilas Boas (Citado por MORAIS, 2010), que apontam os critérios definidores do Jornalismo Literário. Tal procedimento exige revisão bibliográfica, além da análise de uma edição do programa televisivo *Profissão Repórter*, da Rede Globo, do dia 24 de abril de 2012, que utilizou como tema central, os Transplantes de órgãos no Brasil.

Nesse contexto, para dar conta da proposta, o trabalho está estruturado em três capítulos. No primeiro serão apontadas as definições sobre o Jornalismo, Literatura e o Jornalismo Literário. Também será mostrado um breve panorama histórico sobre como o jornalismo foi se inserindo na sociedade, como foi o processo evolutivo do Jornalismo Literário no decorrer dos anos, e quais são os elementos necessários para a construção do mesmo. No segundo capítulo será abordado o Jornalismo Literário especificamente na televisão, pois geralmente o Jornalismo Literário tem maior utilização em veículos impressos, principalmente jornais e revistas. Já o terceiro capítulo vai buscar provar se ele se enquadra

dentro dos sete pilares necessários para ser considerado Jornalismo Literário. Será apresentado inicialmente um perfil do programa e, em seguida, a análise estrutural objetiva.

1. JORNALISMO LITERÁRIO: HISTÓRIA E DEFINIÇÃO

O capítulo apresentado a seguir, surge da necessidade de compreender o termo Jornalismo Literário. Para isso, serão resgatadas algumas definições do significado de literatura, jornalismo. Também será mostrado um breve panorama histórico a respeito de como o jornalismo foi se inserindo na sociedade, e como foi o processo evolutivo do Jornalismo Literário no decorrer dos anos, até a sua adaptação para a televisão.

1.1. Definição de jornalismo, literatura e jornalismo literário

Antes de caracterizar o Jornalismo Literário, serão apresentados os conceitos isolados de Literatura e Jornalismo e como ocorreu essa união.

No texto literário (CENTENO, citado por LOPES, 2012), a vontade de mostrar a caracterização de detalhes e todo o lado artístico se torna maior do que a vontade de comunicar, ou seja, a riqueza de detalhes interfere altamente na explicação do fato. “O texto literário vive do que a mensagem contém e não do que ela simplesmente diz” (LOPES, 2012).

Literatura contém vários significados (Marques, citado por MORAIS, 2010). Cada autor tem sua própria definição e esta, segue por meio de críticas, desde a linguagem até a forma de como os assuntos são abordados em uma obra.

Conforme Nicola (1998), Aristóteles, pensador grego que viveu entre 384 e 322 (a.C.) elaborou um conjunto de anotações em que busca analisar as formas da arte e da literatura de seu tempo. Para isso, o pensador elaborou a teoria de que a poesia era “técnica” aliada à imitação. Segundo o filósofo, o que diferencia a arte literária, representada pela poesia, dos textos investigativos em prosa é a qualidade universal que a imitação permite. Ao imitar o que é diferente, o que é inferior e o que está próximo, o artista cria a “fictio”, isto é, “ficção”, inventando histórias genéricas, porém verdadeiras.

A literatura é um instrumento de comunicação (BATISTA, 2012), pois transmite os conhecimentos e a cultura de um povo. O texto literário permite identificar as marcas do momento em que foi escrito, ajuda a compreender sobre as mudanças do comportamento do

homem. Este apresenta ficcionalidade, função estética, onde procura-se representar a realidade a partir da visão de quem escreve, plurissignificação, onde as palavras assumem diferentes significados, e subjetividade, que expressa as experiências, emoções e sentimentos do autor.

Jornalismo é um instrumento alimentado pelo que acontece ou está acontecendo (MARQUES, citado por MORAIS, 2010), nutrido pelas famosas perguntas do *lead*¹. É a produção de uma notícia, de uma reportagem ou de um artigo.

Jornalismo define-se, como um conjunto de atividades que se referem à uma redação de um jornal (LAROUSSE, 2001) ou qualquer outro órgão de imprensa periódica. É a prática de coletar, redigir, editar e publicar informações. O jornalista investiga e divulga fatos e informações de interesse público, redige e edita reportagens, entrevistas, artigos, adaptando tamanho, abordagem e a linguagem dos textos ao veículo e ao público a que se destinam.

Segundo Manuel Rivas (citado por FRANÇA, 2008), Jornalismo é comunicar uma história com estilo. Melo (2003, p. 17) complementa a ideia, afirmando que “o jornalismo se define como um processo social que se expressa a partir da redação de uma emissora ou editora destinada a diferentes públicos receptores por meio de canais, sejam eles jornais, revistas, rádio, televisão, cinema, que transmitem informações em função de interesses e expectativas.”

Tendo em vista essa adaptação da forma de produzir o texto, principalmente na linguagem a ser usada, é que surge a união entre Literatura e Jornalismo, criando assim uma especialização do jornalismo, denominada Jornalismo Literário também conhecido como jornalismo não ficcional ou literatura da realidade e ainda, Novo Jornalismo, segundo Pena (2008). A inclusão deste modelo surge de uma preocupação em fazer um jornalismo diferente àqueles que são encontrados nos noticiários tradicionais, seguidos por um roteiro padrão.

“Para aceitar o casamento do jornalismo com a literatura precisamos acreditar que o conceito de literatura precisa também englobar o texto de não ficção, esse termo tão negativo quanto negador, tão certo quanto indiscreto, tão confortável como ardiloso” (VILLAS BOAS, citado por MORAIS, 2010, p.11).

¹ *Lead*: “uma estratégia narrativa inventada por jornalistas americanos no começo do século XX com o intuito de conferir objetividade à imprensa. Tal estratégia possibilitaria uma certa cientificidade por meio de um recurso muito simples. Logo no primeiro parágrafo de uma reportagem, o texto deveria responder a seis questões básicas: Quem? O quê? Como? Onde? Quando? Por quê?” (PENA, 2008, p.15)

Há diversos estudos acadêmicos sobre as relações entre jornalismo e literatura, conforme Vilas Boas (Citado por MORAIS, 2010). Uns apontam que jornalismo e literatura não se misturam de forma alguma, outros dizem que ambos se complementam. O princípio fundamental desse novo modo de fazer jornalismo foi à união da prática jornalística com a forma e linguagem trabalhada literariamente.

“Apesar da vocação para o ‘real’, o relato jornalístico sempre tem contornos ficcionais: ao causar a impressão de que o acontecimento está se desenvolvendo no momento da leitura, valoriza-se o instante em que se vive, criando a aparência do acontecer em curso, isto é, uma ficção. Além disso, o jornalista, produto industrial, precisa de esquemas de captação de notícias, dos quais a fonte é uma das principais. As fontes podem constituir posições estereotipadas; frequentemente, com a consulta a especialistas, a ação quase não aparece, apenas a linguagem como reforço, como redundância” (SATO, Citado por MORAIS, 2001, p. 18).

A “literatura de realidade – outro nome que se dá ao Jornalismo Literário – caracteriza-se pelo uso de técnicas da literatura na captação, redação e edição de textos sobre a vida real. (...) Pressupõe um mergulho intenso do narrador no ambiente sobre o qual escreve” (LIMA, 2003, p.1).

O Jornalismo Literário une o texto jornalístico à literatura (LIMA, 2003), produzindo assim reportagens mais profundas, amplas e detalhistas, com uma postura ética e humanizada. Esta forma jornalística foge do noticiário superficial revelando o que fica nas entrelinhas das matérias apresentadas no cotidiano e muitas vezes mostra um ponto de vista pessoal sobre a realidade. Desta maneira, podemos dizer que o jornalismo literário é uma mistura de jornalismo, literatura e história, praticada com princípios morais e responsabilidade. Pode ser expresso em meios virtuais, jornais, revistas e programas de televisão.

A marca do jornalismo literário é a subjetividade (TALESE, citado por BRUN, 2011) que se contraria à objetividade do *lead*. Essa forma vai além das aparências e mergulha fundo nos fatos, gerando obras criativas, que exploram o lado “autor” de cada artista, mas que também exige deste profissional o afinamento na apresentação dos dados minuciosos e a procura do ser humano por trás dos fatos objetivos. Segundo Talese:

O novo jornalismo, embora possa ser lido como ficção, não é ficção. É, ou deveria ser, tão verídico, como a mais exata das reportagens, buscando uma verdade mais ampla que a possível através da mera compilação de fatos comprováveis, o uso de citações e a adesão ao rígido estilo mais antigo. O novo jornalismo permite, na verdade exige, uma abordagem mais imaginativa da reportagem e consente que o escritor se intrometa na narrativa se o desejar, conforme acontece com frequência, ou que assuma o papel de observador imparcial, como fazem outros, eu inclusive. (TALESE, citado por BRUN, 2011)

Jornalismo Literário é um modo diferente de narrar a vivência de desconhecidos e apresentá-la ao grande público, permitindo, assim, uma abordagem mais criativa no modo de produzir reportagens.

Tento apresentar a cena em sua inteireza, o diálogo e o clima, a tensão, o drama, o conflito, e então em geral a escrevo do ponto de vista da pessoa retratada, às vezes revelando o que esses indivíduos pensam durante os momentos que descrevo. Esse tipo de insight depende, naturalmente, da cooperação total da pessoa sobre a qual se escreve, mas se o escritor goza de confiança, é possível, por meio de entrevistas, fazendo as perguntas certas nas horas certas, aprender e reportar o que se passa na mente das outras pessoas. (TALESE, citado por BRUN, 2011)

Do mesmo modo, podemos afirmar que o objetivo do jornalismo vai muito além do que uma simples tarefa rotineira de informar. Para o teórico G. Martín Vivaldi, há uma grande semelhança entre jornalismo e literatura. “A grande diferença (jornalismo/literatura) está no propósito ou sentido da obra. (...) Mas, ainda assim, essa diferença é só aparente e discutível. Nem o jornalismo é somente mera objetividade, nem a literatura é pura subjetividade” (VIVALDI, 1993, p. 249).

A liberdade temática que o jornalismo literário pode propiciar, atrai jornalistas e leitores para essa modalidade (PENA, 2008), principalmente quando se torna necessário compreender mais profundamente os fatos ocorridos. Essa modalidade jornalística ainda cresce, em meio a um jornalismo cada vez mais sensacionalista e superficial.

1.2. História do jornalismo literário

O Jornalismo Literário, ou Jornalismo Novo, (MORAIS, 2010) é uma vertente do jornalismo que surgiu na década de 60, mais precisamente em 1966, nos Estados Unidos, com a vontade de alguns jornalistas de sair do cotidiano, de um modelo pronto de reportagem, para fazer uma notícia, que se dá através de novas opções, exercitando a veia literária no jornalismo.

Segundo Marcelo Bulhões (2007, p. 145), o Jornalismo Literário não é considerado exatamente um movimento, pois, “não despontou com um delineamento de ideias estabelecidas por um grupo coeso de representantes. Foi mais uma atitude que se processou na fluência de uma prática textual desenvolvida em alguns jornais e revistas americanas”.

Para ele, há uma diferença fundamental entre o texto literário e outros textos, como o jornalístico, por exemplo. “No limite, pode-se afirmar que a literatura nem chega a representar a realidade, mas recriá-la, na operação de desviar a linguagem de sua função habitual” (BULHÕES, 2007, p. 14). Essa distinção torna-se eficaz quando lembramos que o jornalismo trata de representar a realidade, retratando ao público-alvo a notícia e a verdade.

Até o século XIX, não havia uma convenção de como deveria ser um texto jornalístico (BRUN, 2011). A imposição de um modelo industrial de parâmetros de produção textual separa o que é fato do que é comentário, fazendo surgir então os chamados gêneros jornalísticos. A partir daí o jornalismo contrapõe uma linha de desenvolvimento fundamentada na representação dos fatos do cotidiano e outra linha de reflexão. Nessa segunda linha estão dois gêneros, o imperativo e o opinativo. A partir deste século, o jornalismo e a literatura tem de fato uma maior aproximação.

No começo, esse estilo provocou conflitos. Houve um desentendimento entre os jornalistas e os escritores (BRUN, 2011), estes eram considerados os únicos criativos, dizia-se que os jornalistas não dominavam a técnica narrativa.

A autora explica ainda, que os jornalistas começaram a usar recursos que dão poder ao romance realista, como envolvimento emocional, a construção de cenas e registros de hábitos. Os textos começaram também a serem escritos com detalhamento de circunstâncias e descrições de particularidades, fazendo com que o leitor se sentisse como parte da narrativa.

Por jornalismo literário (ARANTES, 2010) pode-se entender uma modalidade onde a forma do texto e não somente o conteúdo é importante. O jornalismo recria a realidade, com um estilo próprio, construindo um relato de estilo narrativo.

Na Europa, transmitir a realidade social parecia ter sinais de esgotamento. Mas por volta de 1930, (WOLFE, 2005) nomes como John Steinbeck, William Faulkner, Ernest Hemingway e John dos Passos passam a incorporar a realidade jornalística e histórica em suas obras literárias, uma técnica que seria retomada por autores contemporâneos como Thomas Pynchon. Contudo, jornalistas tornavam-se cada vez mais atrevidos tanto na pura invenção da realidade para fins políticos, quanto na introdução de efeitos literários nas reportagens – como John Reed, com seus relatos apaixonados do México de Pancho Villa ou da Rússia de Lênin.

Desde o início do século XIX, (SILVA, 2012) a relação Jornalismo-Literatura é reciprocamente benéfica. O Jornalismo torna a Literatura popular por meio de folhetins e críticas literárias que eram publicadas nos periódicos. Mais tarde, no século XX, a união de ambos amplia novas maneiras na forma de construção da notícia, tanto na forma estética, quanto no conteúdo que seria apresentado. Nesta época, alguns jornalistas, como, Jack London e George Orwell, por exemplo, passam a viver como personagens em meio às classes pobres, transformando suas experiências em reportagens ou relatos autobiográficos.

Na década de 30, após a I Guerra Mundial, (SILVA, 2012) é a vez dos Estados Unidos incorporar a realidade jornalística em suas obras literárias. Por outro lado, jornalistas tornam-se cada vez mais audaciosos tanto na pura invenção da realidade para fins políticos, quanto na introdução de efeitos literários nas reportagens. Nesse período, publicar narrativas literárias no jornalismo era uma ferramenta de auxílio no crescimento das vendas que, por consequência, rendeu no aumento do público leitor.

No Brasil, o jornalismo literário, surge com a revista Realidade, (JESUS, 2009) criada em 1966, pelo Grupo Abril, que trazia em seu conteúdo matérias bem elaboradas, textos bem escritos. O uso do texto jornalístico combinado com elementos da literatura também foi exercido quase involuntariamente por escritores talentosos como Euclides da Cunha, em sua obra-prima “Os Sertões”, João do Rio, jornalista e escritor, e o autor colombiano Gabriel García Márquez.

Olinto (Citado por PEREIRA, 2007) cita a obra de Euclides Cunha, encomendada pelo jornal O Estado de São Paulo, no ano de 1987, que foi idealizada originalmente como uma reportagem, mas a maneira em que a reportagem foi sendo produzida, se tornou um livro, um clássico da Literatura Brasileira. Olinto, fala da obra de Euclides da Cunha:

O grande repórter, que foi Euclides da Cunha, eternizou a campanha de Canudos. O que constitui exatamente a principal fraqueza do jornal – a transitoriedade ganhou permanência – numa obra de jornalismo, porque naquele acontecimento que para muitos não tinha importância maior do que a de uma insurreição de fanáticos, Euclides da Cunha viu uma constante da natureza humana, ávida de sobrenatural (OLINTO, citado por PEREIRA, 2007).

Grande parte das redações hoje contém jornalistas insatisfeitos, cheios de vontade de sair do cotidiano, de um modelo tradicional de redigir uma matéria, e por isso o Jornalismo Literário surge como mais uma opção de trabalho, segundo Felipe Pena (2008), que afirma que “[...] não se trata apenas de fugir das amarras da redação ou de exercitar a veia literária em um livro-reportagem. O conceito é muito mais amplo. Significa potencializar os recursos do Jornalismo”. (PENA, 2008, p.13)

Os jornalistas deste estilo faziam reportagens com vivacidade, reflexão e estilo. Inseriam diálogos, faziam descrições minuciosas, o narrador podia ser observador, testemunha ou participante dos acontecimentos. Segundo Vilas Boas:

O jornalismo literário aperfeiçoou-se. Adquiriu, digamos, maior autoconsciência. Não podia ser diferente. Mais que uma técnica narrativa, o Jornalismo Literário é também um processo criativo e uma atitude nos quais não cabem fórmulas, esquemas ou grupismos. São esses fatores que o projetam, hoje, como alternativa (óbvia) para arejar os conteúdos de jornais e revistas, principalmente, mas também de documentários audiovisuais, radiofônicos e até sites. (VILAS BOAS, citado por FRANÇA, 2008).

No Brasil, hoje, existe a Academia Brasileira de Jornalismo Literário (ABJL), (FALASCHI, 2012) que teve início em janeiro de 2006 e, desde então, conforme sua missão de propagar o Jornalismo Literário no país tem oferecido pós-graduação *lacto sensu* em diferentes cidades e, a partir de 2009, exclusivamente em São Paulo.

A ABJL é uma ONG que tem por objetivo pesquisar, ensinar, divulgar, promover, praticar e avançar o Jornalismo Literário para novos níveis, expandir novas ideias. O principal ponto de estudo é o conhecimento desenvolvido nos últimos cem anos pelos americanos, europeus, latino-americanos e brasileiros. Conclui, ainda, que o foco mais imediato é o desenvolvimento de metodologias e técnicas que possam contribuir para a melhoria da

qualidade da reportagem na imprensa brasileira e para formar autores de narrativas de não ficção.

É no chamado Jornalismo Literário, conhecido como “narrativa da realidade”, (PENA, 2008), que literatura e jornalismo se comunicam de maneira mais evidente, tendo como principal gênero propagador a reportagem.

O mesmo explica que o uso de recursos literários no jornalismo possibilita ao jornalista fugir dos textos frios, com a quebra das técnicas do *lead* e da pirâmide invertida, que muitas vezes que afasta o leitor. O objetivo do Jornalismo Literário é envolver o leitor, para transmitir as narrativas de profundidade.

Pena nos mostra algumas características do novo jornalismo, baseado em sete tópicos, chamados pelo autor de estrela de sete pontas (FIG. 1): “É o que chamo de estrela de sete pontas, já que são sete diferentes itens, todos imprescindíveis, formando um conjunto harmônico e retoricamente místico, como a famosa estrela”. (PENA, 2008, p.13)

FIGURA 1



O primeiro deles é potencializar os recursos do Jornalismo, ou seja, o jornalista literário aprende e utiliza o Jornalismo diário como ferramenta de trabalho para desenvolver novas estratégias profissionais. Porém, não deixa de lado métodos tradicionais de uma

redação como apurações dos casos, manter-se atento ao seu redor, ser ético e saber expressar-se com clareza e objetividade. Logo em seguida vem o segundo tópico: Ultrapassar os limites do acontecimento cotidiano, isto é, deixar a periodicidade e atualidade dos fatos priorizando outros elementos, sugerindo uma visão ampla do real (terceiro tópico).

O quarto elemento é exercitar a cidadania, sendo um profissional ético. A quinta ponta da estrela, marca o rompimento da fórmula do *lead*, aplicando técnicas literárias com criatividade, elegância e estilo. Em sexto lugar, cita que deve-se evitar os “entrevistados de plantão”, ou seja, as fontes oficiais, que ocupam funções específicas. Essas são alternativas do jornalismo diário, ou factual, em que se corre contra o tempo. O jornalismo literário deve mostrar pontos de vista dos cidadãos comuns (PENA, 2008) trazendo pontos de vista diferentes que ainda não foram trabalhados.

O último item é a perenidade. Uma obra de jornalismo literário não pode ser superficial e temporária, pelo contrário, ela deve permanecer por gerações, influenciando o imaginário coletivo e individual em diferentes contextos históricos. A união das sete pontas da estrela do jornalismo literário, conforme Pena (2008), traz para o leitor uma melhor e maior qualidade nos textos e nas narrativas, saindo do fato cotidiano.

Lima e Vilas Boas (Citado por DEMENECK, 2012), facilitam a identificação do Jornalismo Literário, apontando os “Sete pilares do Jornalismo Literário” (FIG. 2), são eles:

- Imersão – quando há um aprofundamento do repórter sobre o tema apresentado;
- Humanização – um dos principais tópicos é humanizar a reportagem com personagens reais, descritos detalhadamente;
- Responsabilidade;
- Exatidão – juntamente com a responsabilidade dão ênfase à característica de um jornal focado na realidade;
- Criatividade;
- Estilo – juntamente à criatividade, se impõe ao texto jornalístico quando as características se somam e a relação humana do repórter com sua fonte fazem transparecer o drama ao público;
- Simbolismo – refere-se à capacidade que um assunto tem de obter um significado maior perante os demais.

FIGURA 2



2. JORNALISMO LITERÁRIO NA TELEVISÃO

Conhecemos o Jornalismo Literário como um gênero autônomo, composto por outros subgêneros (PENA, 2008), utilizado geralmente em veículos impressos, tendo uma ênfase maior nos jornais e revistas. Mas existe também a inserção deste tipo de jornalismo em reportagens televisivas. Neste capítulo será abordado o Jornalismo Literário especificamente na televisão.

2.1 A televisão como meio de comunicação mais complexo

Desde o princípio da humanidade, o ser humano sentiu a necessidade de interagir e de se comunicar. As pinturas feitas nas paredes das cavernas na pré-história, os rituais, a comunicação oral, a invenção da escrita e sua difusão através de placas de pedra, pergaminhos, e posteriormente livros jornais (LUCINDA, 2008), nos mostra uma forma de aprimoramento da comunicação.

Após essa passagem pela história, não muito distante da atualidade, mais precisamente no final do século XIX, surge uma nova ferramenta, a qual mudaria a estrutura da sociedade e da cultura das novas gerações (LUCINDA, 2008). A câmera de gravação em película substitui a ideia de registrar o homem através de imagens congeladas, feitas pela máquina fotográfica, por imagens em movimento, que trazem uma ideia de realismo maior à representação.

Surge a possibilidade de armazenar e transmitir muita informação por meio de outras formas. O primeiro passo dessa evolução é o cinema, e em seguida, com a evolução dos meios e técnicas de comunicação e representação social, surge a televisão, na década de 40, que segundo LUCINDA é:

“[...] Surge um novo aparelho que vem unir toda a sensorialidade auditiva ao impacto do visual. A televisão aparece tímida, pouco convincente ao olhar daquela sociedade do rádio, aparelho extremamente admirado porque conseguia envolver o público em profundidade ao despertar a sua imaginação.”

Como o meio de comunicação mais popular que o rádio (PICCININ, 2012) por não exigir o conhecimento do código linguístico, a televisão não necessita muito conhecimento em grande parte de sua comunicação em TV aberta, para sua compreensão e, por ser um aparelho acessível, além de apresentar imagens que tem o poder de seduzir o telespectador, hoje, disparou na liderança, comparado aos demais meios de comunicação.

A televisão apresentou características fundamentais para representar, atrair e convencer o público da realidade (LUCINDA, 2008). Assim o envolvimento do telespectador tornou-se inevitável. Segundo McLuhan (Citado por LUCINDA, 2008), este envolvimento faz uma brincadeira com os sentidos: você vê, ouve, sente. Cria-se uma “participação convulsiva e sensorial que é profundamente cinética e tátil”.

Além de proporcionar uma realidade empírica, da representação real, a televisão, segundo Lucinda:

(...) consegue se apropriar desse poder de representação de uma maneira singular: aproveita de sua matéria prima, a realidade, e introduz outros ingredientes, como a aventura, a ousadia, a grandiosidade e a felicidade, tudo para provocar um impacto ainda maior no telespectador. Desta maneira, a produção televisiva, que parte do propósito de “cópia do real”, passa a se descontextualizar, apresentando uma espécie de “realidade paralela”, porém que ainda consegue guardar em si a noção de veracidade e transparência.

Atualmente, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 95% dos domicílios no país possuem aparelho de televisão, (SALATIEL, 2012) sendo que o brasileiro permaneceu durante 5 horas e 28 minutos por dia diante o televisor em 2011. (CASTRO, 2012). A televisão se coloca como uma janela aberta para a realidade externa. É onde o homem vai se ver e se reconhecer. Esse mundo só é visível por causa do poder de colocar na tela a representação daquilo que se passa fora, ou invade o ambiente privado do telespectador, o que remete muitas vezes à vida particular de alguém (LUCINDA, 2008).

O jornalista desempenha papel de intermediário, entre a realidade televisiva e o telespectador. É ele que tem contato com o que vai ser apresentado ao público. Recolhe as informações e seleciona o que é de maior interesse do público.

2.2 O Jornalismo Literário nas Reportagens Televisivas

O jornalismo vem se renovando e experimentando novas formas de comunicar. Após o surgimento da televisão, (LUCINDA, 2008) as práticas de como escrever os textos assumiram vários formatos e muitas técnicas antes ignoradas, passaram a ter seu valor, pois esse meio de comunicação é muito mais amplo exigindo uma pluralidade de sentidos. Planos feitos pela câmera têm muito a dizer, e a forma de narrar a informação serve para direcionar o significado da imagem.

Porém, é importante compreender um pouco do processo evolutivo do jornalismo. Marcondes (Citado por PENA, 2008) em sua obra *Comunicação e jornalismo: a saga dos cães perdidos* apresenta um quadro evolutivo, em uma espécie de linha do tempo de cinco épocas distintas do Jornalismo:

- Pré-história do Jornalismo: Época que se destaca pela produção artesanal com forma semelhante ao livro. Esse período ocorreu entre 1631 e 1789.
- Primeiro Jornalismo: Os textos se tornaram mais críticos, utilizando um conteúdo literário e político, feitos somente por intelectuais, políticos e escritores. Ocorreu no período entre 1789 e 1830.
- Segundo Jornalismo: Época marcada pelo início da profissionalização dos jornalistas, da criação de manchetes e reportagens, da publicidade. Esse período foi chamado de Imprensa de massa, e aconteceu de 1830 à 1900.
- Terceiro Jornalismo: Nessa época as relações públicas tem maior influência e fortes grupos editoriais que monopolizam o mercado. Ocorreu entre 1900 e 1960.
- Quarto Jornalismo: Esse período teve início em 1960 e segue até os dias atuais. Marcado pela informação de forma eletrônica e interativa, o alto desenvolvimento da tecnologia e a velocidade em transmitir a notícia. Com isso, veio a crise na imprensa escrita.

Esse período da tecnologia e da forma de difusão da notícia está associado ao Jornalismo televisivo, ou telejornalismo.

Debord (Citado por PICCININ, 2012) diz que a realidade em que vivemos é uma representação:

“Sob este ponto de vista, estar conectado a esses acontecimentos, passa a ser um valor e, portanto, um ritual importante da sociedade do espetáculo, uma vez que, antes, o lugar de representação, do vivido, se dava através das manifestações culturais e hoje elas estão justamente nos espaços midiáticos e, em especial na televisão, onde se dão os acontecimentos.”

No Telejornalismo, (CAJAZEIRA, 2009) o repórter apresenta ao telespectador a possibilidade de fuga do anonimato, ou seja, com o recurso audiovisual o telespectador poderá se envolver, juntamente com o repórter, numa participação de um material fora de ficção, mas cheio de efeitos que dão sentido e facilitam a compreensão da realidade da história.

O autor afirma ainda, que o texto de um telejornalismo é construído seguindo um padrão que inclui *offs* (textos narrados pelo repórter ou apresentador com o preenchimento de imagens de apoio), passagens (quando o repórter fala em frente à câmera e dirige-se à ela para informar) e sonoras (as falas dos entrevistados nas entrevistas). O roteiro é uma narrativa que segue uma sequência de fatos, onde o drama é o fio que conduz o fato desconhecido.

Tento apresentar a cena em sua inteireza, o diálogo e o clima, a tensão, o drama, o conflito, e então em geral a escrevo do ponto de vista da pessoa retratada, às vezes revelando o que esses indivíduos pensam durante os momentos que descrevo. Esse tipo de insight depende, naturalmente, da cooperação total da pessoa sobre a qual se escreve, mas se o escritor goza de confiança, é possível, por meio de entrevistas, fazendo as perguntas certas nas horas certas, aprender e reportar o que se passa na mente das outras pessoas. (TALESE, 2004, p. 10)

Cajazeira (2010) explica, que a afirmação da televisão como importante meio de comunicação de massa, fez a sociedade entender o mundo por meio das telas e que o Jornalismo Literário acontece quando o repórter “empresta” seu espaço para o próprio público/telespectador contar um fato.

Num comparativo com a construção do texto da reportagem em TV, a técnica do Novo Jornalismo mostra-se presente quando o repórter empresta ao cidadão/público não apenas o espaço no noticiário, numa relação metalinguística, e uma possibilidade de aceitação quanto à mediação da emissora de televisão, mas a possibilidade de o personagem contar um fato do seu ponto de vista dos acontecimentos. Assim, agrega-se uma situação fiduciária ao discurso do enunciador que empresta visibilidade, mas exige participação na construção da realidade com a utilização das técnicas jornalísticas de visualização do enunciado. (CAJAZEIRA, 2010, p.13)

Os repórteres devem seguir um caminho contrário ao da “imprensa objetiva” (PENA, 2008), para se tornarem mais subjetivos, no sentido de aplicar ferramentas literárias. “O texto deve ter valor estético, valendo-se sempre de técnicas” (PENA, 2008, p. 54).

"Jornalismo literário é um estado de espírito, uma forma de expressar a realidade. Seus princípios filosóficos não se limitam aos veículos impressos: imersão, personagens humanos reais, interação com personagem. Tudo isso pode estar presente em qualquer canal de comunicação". (LIMA citado por ARAÚJO, 2011).

A televisão, como ferramenta de comunicação, (CANELLAS, citado por BRUN, 2011) tem uma linguagem específica, com ritmo e andamento. Ele diz que as palavras tem uma musicalidade e cada reportagem tem um tempo específico para trabalhar com o lado psicológico das pessoas. Mas, a forma de como a história será contada ao público é definida no momento da edição, pois a edição vai dar ênfase e expressão ao conteúdo.

2.3 Programa *Profissão Repórter*: Jornalismo Literário na Televisão

Na década de 70, começam a aparecer no Brasil as primeiras atrações televisivas que trazem uma abordagem investigativa (LUCINDA, 2008). São programas como o *Globo Repórter* e o *Fantástico* da Rede Globo, que surgem no ano de 1973.

No começo, o programa *Globo Repórter* era uma atração mensal, com abordagem próxima do documentário, que trazia um tema para ser discutido em formato de reportagem em 40 minutos. Com a direção de Roberto Feith, na década de 80, o programa adquire um formato mais jornalístico, com presença de repórter e o tratamento de mais de um assunto. Hoje, o programa trata de um tema por semana, com várias reportagens que mostra histórias distintas com alguma relação entre si.

O outro programa da Rede Globo, *Fantástico*, possui o formato de uma revista eletrônica com vários quadros que trabalham diferentes temas. A proposta do programa é levar a informação e entretenimento para os telespectadores. Um diferencial de sua produção está na mistura da informação e entretenimento, caracterizando o chamado jornalismo de infotenimento: “No jornalismo de infotenimento uma mesma matéria pode muito bem

informar entretendo, ou então, entreter por meio da informação”. (DEJAVITE, citado por LUCINDA, 2008).

Com essa ideia de trabalhar a informação de uma maneira mais aprofundada, o quadro *Profissão Repórter* criado pelo jornalista Claudio Barcellos foi associado ao programa. (LUCINDA, 2008). O quadro é um exemplo de Jornalismo Literário.

Claudio Barcellos (Caco Barcellos), o apresentador e idealizador é gaúcho e começou cedo sua atuação na imprensa, antes mesmo da graduação em Comunicação Social. A direção do programa é feita por Marcel Souto Maior.

Com o objetivo de trabalhar com o aprofundamento de informação (ARANTES, 2010), o *Profissão Repórter*, iniciou como um quadro, do “Fantástico”. A equipe era composta de oito jornalistas: Gabriela Lian, Felipe Gutierrez, Thiago Jock, Mariane Salerno, Thais Itaqui, Nathália Fernandes, Júlia Bandeira, e Caio Cavechini sob orientação de Caco Barcellos.

Caco Barcellos e a equipe de repórteres têm a missão de ir às ruas e, juntos, mostrar diferentes ângulos da mesma notícia. Cada um dos repórteres sempre tem uma missão a ser cumprida. Essa missão envolve tarefas tanto na realização quanto na finalização da reportagem.

A proposta do programa é desafiar os jornalistas (ARANTES, 2010) e mostrar todos os passos da produção de uma matéria. Mostrando os bastidores da notícia, os desafios da reportagem, o quadro tinha duração de nove a doze minutos. Na estreia do quadro, em sete de maio de 2006, no Fantástico, mostrou a ação de pichadores nas capitais do Brasil durante as madrugadas. Fora do programa dominical da Rede Globo, o *Profissão Repórter*, teve três edições especiais nas noites de quinta-feira, em 2007.

Já em dezembro de 2007, o *Profissão Repórter* ganha um espaço maior na emissora. A partir de então, além de ser exibido semanalmente dentro do Fantástico, o programa conquistava a oportunidade de apresentar uma edição de maior duração, uma vez por mês, na noite de quinta-feira.

No Fantástico, o tempo total da exibição do quadro não ultrapassava 15 minutos, assim, as atrações mensais chegavam a durar cerca de 40 minutos, no máximo. Dessa forma, era possível fazer uma completa divisão das ações dos repórteres e planejar uma cobertura com muitos detalhes, com mais histórias e fontes a acompanhar. E, mesmo assim, com trabalho dobrado, a equipe permaneceu a mesma. Em junho de 2008, tornou-se fixo na grade de programação da Rede Globo. Na sua primeira exibição no novo horário, alcançou 21

pontos de audiência. O programa recebeu o Troféu Imprensa de Melhor Programa Jornalístico de 2008.

Em 2012 o *Profissão Repórter* conta com a seguinte equipe técnica:

- Direção: Caco Barcellos.
- Editora-chefe: Ana Escalada.
- Editora-executiva: Janaina Pirola.
- Edição de texto: Caio Cavechini, Jackeline Salomão, Julia Gutnik, Márcia Gonçalves.
- Repórteres: Danielle França, Eliane Scardovelli, Fernando David, Paula Akemi, Thais Itaquí, Thiago Jock, Valéria Almeida, Victor Ferreira (FIG. 3).
- Repórteres Cinematográficos: Daniel Paranayba, Emílio Mansur, Felipe Bentivegna.
- Edição de imagens: Rogério Gottardi.
- Finalização: Júlio Inácio, Rafael Armbrust.
- Editora de internet: Debora Pivotto.
- Chefia de reportagem: Mônica Pinheiro.
- Técnicos: Antonio Donizete, Gentil de Oliveira Jr., José Francisco da Silva, Maurício Ramos, Púlio Felipe.
- Arte: Carla Durante.

(G1, 2012)

FIGURA 3



3. ANÁLISE DO PROGRAMA *PROFISSÃO REPÓRTER*

Neste capítulo será realizada uma análise direta da estrutura do programa *Profissão Repórter*, buscando provar que ele se enquadra dentro dos sete pilares necessários para ser considerado Jornalismo Literário. Será apresentado inicialmente um perfil do programa e, em seguida, a análise objetiva do programa que foi veiculado no dia 24 de abril de 2012. (FIG. 4)

FIGURA 4



3.1 O perfil

A série de reportagens, mesmo trazendo uma infinidade de elementos advindos da literatura, e mesmo sendo bastante subjetiva, não perde seu valor jornalístico e de credibilidade. Em muitos momentos, é possível observar concomitantemente com a linguagem subjetiva, a linguagem referencial jornalística, informativa e objetiva. Isso também traz credibilidade à reportagem: não existe aqui apenas um texto enfeitado. Ele é carregado de informações, números e uma pitada de jornalismo investigativo.

Inicialmente, Marcelo Canellas (Citado por BRUN 2011), enfatiza um detalhe importante no programa *Profissão Repórter*, os *Cases* em todas as matérias. Pessoas “comuns” que relatam suas histórias.

Passando de quadro para programa, segundo Arantes (2010), o espaço de tempo aumentou, para 40 minutos de duração. Isso auxiliou para que os jornalistas pudessem ganhar mais tempo para mostrar seu trabalho e também os acontecimentos.

Enquanto foi exibido como edição especial, o que ocorreu quatro vezes, o programa abordou assuntos referentes à vida do trabalhador brasileiro.

O programa passa a ganhar liberdades que ajuda a construir a dinâmica que é sua característica. Os repórteres são desafiados a mostrar da melhor forma o assunto que foi escolhido como tema. Os repórteres também invertem os papéis, entre repórter de rua e repórter cinematográfico, que também aparece nas reportagens, através de uma segunda câmera, podendo mostrar assim suas potencialidades. Desta maneira, o programa é capaz de mostrar ao telespectador não só o conhecimento da reportagem, mas também como esta é produzida, mostrando dificuldades enfrentadas, emoções sentidas pelos repórteres, diferente da maioria dos programas jornalísticos. Essa é a segunda característica do programa, mostrar os bastidores da notícia. Esta maneira de fazer reportagem faz uma aproximação do telespectador com o repórter.

Outra característica do programa é que, a reportagem mostra caminhos traçados pelos entrevistados, pelos depoentes, e na maioria das vezes foge das regras e técnicas de uma produção de reportagens, e é através destes depoimentos que o repórter constrói a narrativa que ele quer transmitir ao público. É dessa forma que o telespectador pode construir o seu julgamento sobre o assunto tratado.

Lucinda (2010) explica que no *Profissão Repórter*, o elemento da dramaturgia fica implícito por meio da dinâmica da reportagem. O enfoque à figura e à vida do personagem principal da matéria torna-se uma história completa, com começo, meio e fim. Mas para que tudo se “transforme” em Jornalismo Literário, são utilizados elementos fundamentais como, por exemplo, comentários de fundo feitos pelo repórter, trazendo uma espécie de carga emocional durante toda a matéria.

Dessa maneira pode-se dizer que o *Profissão Repórter* é elaborado a partir de três níveis: “o nível jornalístico, o nível dramático e o nível documentário”. (MENDONÇA, 2002, p.69).

Durante toda a reportagem, o repórter intervém, mostrando seu trabalho e sua importância. A parte dramática aparece quando o enfoque é a vida do personagem da

matéria, construindo uma história e dando uma carga emocional a matéria. O documentário une a parte jornalística e a dramática. A ilustração dos bastidores da produção é característica mais próxima do documentário e se passa assim a ter uma significação na narrativa.

Bill Kovarek e Tom Rosenstiel (Citados por LUCINDA, 2008), mostram que uma das principais tarefas do jornalismo é “encontrar formas de transformar o significativo em interessante, em cada matéria, e encontrar a mistura exata do sério e menos sério que oferece um relato do dia”.

3.2 A Análise

A edição do programa *Profissão Repórter* escolhida para ser analisada neste trabalho traz como abordagem central os transplantes de órgãos no Brasil, e foi exibido pela Rede Globo no dia 24 de abril de 2012.

Caco Barcelos apresenta o programa juntamente com os repórteres Thais Itaqui de São Paulo, Daniele França, com uma reportagem de Santa Catarina, Fernando David e Gabriela Linhares, juntos no Ceará. Emílio Mansur, Felipe Bentivegna, Rafael Baptista, Marcio Capuchinho são os cinegrafistas que registram os fatos. A edição é de Caio Cavechini, Jackeline Salomão, Julia Gutnik e Márcia Gonçalves. Edição de imagens de Rogério Gottardi.

O programa começa. Primeiramente a escalada é apresentada, de forma dinâmica, onde cada repórter explica seu foco, em relação ao tema do dia. Inicialmente, analisamos a linguagem: objetiva e simples, de fácil compreensão. No Instituto do Coração – INCOR, São Paulo, o médico reúne vários pacientes que estão à espera de um coração em uma espécie de mesa redonda, onde cada um apresenta à repórter seu problema e juntos discutem o tema e tiram dúvidas. Mais tarde entrevista a mãe de um paciente que tem imunidade baixa, com várias infecções.

A *estrela de sete pontas*, denominada por Pena (2008) vai dar um novo olhar ao conjunto de reportagens, se o programa assim o permitir.

Potencializar os recursos do Jornalismo pode não ser fácil, mas qualifica o trabalho produzido. A equipe desenvolve estratégias de como conseguir trazer histórias distintas e ao mesmo tempo ligadas por um mesmo motivo, a necessidade de doação de órgãos. Logo, um obstáculo para a repórter: uma paciente de 50 anos, que recebe sua filha e a mesma se emociona ao saber que a mãe está em um processo de piora na saúde. A enfermeira explica a situação e a repórter decide respeitar o momento delas e esperar. Foi a única paciente que Taís não entrevistou, apenas conversou sem a câmera, e assim, relatou para Caco Barcelos com clareza e objetividade o momento em que precisou utilizar a ética em seu trabalho. Um dia depois, a paciente veio a falecer.

Em outro momento marcante, Daniele França encontra a família de um dos pacientes de Santa Catarina no corredor, falando com esperanças de melhora, mas a repórter já sabia do resultado. Acompanhe o trecho que relata a ação da repórter:

Repórter Daniele: *“Encontro a família de um dos pacientes no corredor, eles ainda tem esperança de melhora, mas já sei que as notícias na são boas”.* (Imagens da repórter ouvindo os familiares, triste, sem saber como agir.)

Caco Barcelos: *“E o que você fez? Ficou em silêncio?”*

Repórter Daniele: *“Fiquei em silêncio. Eu só ouvi o desabafo dela”.*

Os acontecimentos como transplantes de órgãos, pessoas que estão na fila de espera e recebem um órgão, a correria para transportar os órgãos, pessoas que não resistem e acabam morrendo são itens que se apresentam com clareza no segundo critério de Pena (2008) a ultrapassagem dos limites de tempo, pois no contexto, não são somente esses pacientes que estão na fila de espera, e sim diversos espalhados pelo país, e pelo mundo. As reportagens não aconteceram em apenas um dia, mas sim, semanas, talvez meses.

A visão ampla do real é ter coerência nas explicações dos médicos, enfermeiros, assistentes e nos relatos dos pacientes por eles mesmos ou seus familiares. Além disso, se buscou números que pudessem mostrar a realidade atual dos transplantes no Brasil e nos estados.

O rompimento da fórmula do *lead* se dá do início ao fim do programa, porque cada caso é cuidadosamente detalhado e aprofundado o que facilita a edição no momento em que vai unir os VT's de todos os repórteres e sai do padrão de jornalismo tradicional o qual estamos acostumados a ver nos telejornais, inclusive a estrutura da notícia, que não segue uma ordem de *Off*, passagem, sonora, sobe som. Na edição são utilizadas efeitos de tempo, como relógios e linhas de eletrocardiogramas, que contribuem para a elegância e estilo do material produzido.

“Entrevistados de plantão”, como cita Pena (2008), se mostram em poucos momentos, apenas onde é necessário uma explicação mais técnica de enfermeiros ou médicos, mas geralmente os repórteres buscam entrevistar familiares com perguntas que transparecem em uma conversa informal e não em uma gravação para o telejornal. Há situações em que os repórteres até brincam com as palavras ao entrevistar os pacientes.

Observe:

OFF Repórter Gabriela Linhares: “*Tatiane agrada o noivo*”. (o noivo é um paciente que aguarda no hospital por um coração).

Repórter Gabriela: “*O que é isso aqui? É um bolo que você trouxe? Foi você quem fez?*”

Tatiane sorria: “*Eu que fiz!*”

Repórter Gabriela: “*Ele me contou que te pediu em casamento aqui, verdade?*”

Tatiane: “*Verdade, ele sempre tá falando pra todo mundo isso! (risos)*”

Repórter Gabriela: “*E você aceitou?*”

Tatiane: “*Já aceitei sim!*”

É fundamental destacar a diversidade de opiniões e pontos de vista das pessoas diferentes daquilo que é costume de ser ver na televisão, para fazer Jornalismo Literário. Por um momento essa ideia fica muito clara. Ao sentar com a família em uma sala do hospital, uma Assistente social e uma enfermeira são encarregadas de dar a notícia da perda do familiar, e nesse mesmo momento, precisam saber os familiares aceitam doar os órgãos do paciente.

Passagem da repórter Daniele França:

“É nessa salinha que, daqui a pouco, a enfermeira e assistente social vão se reunir para conversar com os familiares, para ver se eles querem fazer a doação dos órgãos. A gente colocou essa microcâmera para ficar mais discreta e acompanhar toda a conversa. A enfermeira vai usar um microfone e eu vou ficar lá do lado de fora ouvindo toda a conversa para ver se eles aceitam fazer a doação dos órgãos”.

Off Repórter Daniele: *“As famílias autorizam a gravação da conversa. Do lado de fora, acompanho com fone de ouvido”.*

Assistente social: *“Dona Eva, o cérebro dela está morto. Ela morreu. Era uma pessoa boa né, que fazia sempre o bem para os outros, com certeza ela ia ficar feliz, e onde ela está com certeza está feliz em ajudar as pessoas. (dirige-se para as irmãs da paciente) Vocês o que acham?”*

Repórter Daniele do lado de fora: *“Está tendo uma discussão lá na sala. Os familiares estão divididos. Uns querem doar, outros não”.*

Dentro da sala: Filha: *“Eu não concordo. Ela tem que ir do jeito que ela veio ao mundo”.*

Mãe: *“E se fosse um de nós que estivesse precisando disso?”*

Repórter Daniele do lado de fora: *“Aceitaram. A família aceitou fazer a doação”.*

A repórter entra na sala e conversa com a mãe da paciente: *“Por que a senhora decidiu doar os órgãos da sua filha?”*

Mãe: *“Eu decidi doar porque tem quantas pessoas necessitando disso numa fila de hospital, numa espera sofrendo? Porque hoje é a minha filha. Eu estou muito triste. Mas amanhã pode ser que outras pessoas vão fazer isso por mim, por meus netos ou por algum filho que precisar”.*

Off repórter Daniele: *“A doação de órgãos serve de consolo para a família dos doadores”.*

O sétimo item do autor Pena (2008) é a perenidade. O ser humano (protagonista da reportagem) tem maior importância que os dados numéricos apontados. A obra (reportagem) não deve ter “prazo de validade”, permanecendo por gerações, em diferentes contextos históricos. O tema tratado nesse episódio é um tema amplo, que pode ser trabalhado de diversas formas e de tempo em tempo, pois de qualquer forma, é um assunto que deve se expandir cada vez mais na sociedade para que tomem conhecimento da situação do país e que tenham consciência dos benefícios que podem trazer às pessoas tornando-se um doador de órgãos.

A união das sete pontas de Pena (2008) está concluída. O *Profissão Repórter*, baseado em suas teorias, pode sim ser considerado um programa de Jornalismo Literário.

Porém, a análise procede desta vez, com os sete pilares do Jornalismo Literário, denominados assim, por Lima e Vilas Boas (Citado por DEMENECK, 2012). Com base nos estudos anteriores, serão destacados os itens que comprovam o Jornalismo Literário.

Imersão é aprofundar um tema, característica principal do programa *Profissão Repórter*. Cada repórter se aprofundou em uma história que mostrasse claramente a proposta que o tema central do dia apresentaria. Na própria escalada, Caco Barcelos afirma: “A equipe do *Profissão Repórter* traz hoje uma boa notícia. O número de transplantes, no Brasil, mais que dobrou na última década”. A repórter Daniele França mostrou que Santa Catarina é o Estado brasileiro que mais consegue doadores. No Ceará, Fernando David deixa claro que lá é onde mais se faz transplante de fígado e, juntamente com Gabriela Linhares acompanha o transporte de órgãos de um Estado para outro. Taís Itaquí registrou o dia a dia dos pacientes que estão à espera de um coração, no INCOR – Instituto do Coração de São Paulo. Após cada repórter apresentar seu trabalho, Caco Barcelos diz o principal objetivo do programa. “Os bastidores da notícia, os desafios da reportagem, agora, no *Profissão Repórter*”.

Humanização é trazer para a reportagem personagens reais, descritos detalhadamente, de acordo com sua importância para contextualizar a narrativa (reportagem). Nesse caso, em pouco tempo de programa, cada paciente contribuiu complementando a narração (off) dos repórteres do programa, expressando seus desejos, sentimentos e emoções.

Responsabilidade é um dos elementos fundamentais para a construção de um jornalismo de credibilidade, e está definido como o terceiro pilar. Este, representa a consciência de separar somente aquilo que pode ser mostrado na reportagem, aí a importância da decupagem e dos estudos teóricos e acadêmicos, que baseados nisso podem formar grandes profissionais. É ter ética e não passar do limite do personagem para que o repórter não se torne invasor da sua vida. Nesse caso, voltamos à questão da privacidade nas emoções, quando a repórter decide não entrevistar a paciente que teve piora no estado de saúde, conforme o programa analisado.

O programa *Profissão Repórter* é construído baseado em dados científicos e culturais, com temas da atualidade. Podemos exemplificar a exatidão das reportagens justamente no programa exibido neste ano, com o tema Os transplantes de órgãos no Brasil. Um tema social

que é discutido há anos, mas que, cada vez mais deve ser expandido para o conhecimento da população, que em sua grande maioria trata o mesmo ainda como um tabu.

O *Profissão Repórter* traz um novo formato de noticiar, saindo dos padrões do jornalismo tradicional. São diversos repórteres e cinegrafistas que produzem reportagens conforme o tema apresentado semanalmente e, com o material já editado, mostram ao público com tomadas em que explicam à Caco Barcelos os bastidores da notícia, contando as suas experiências.

Ao término do programa, o resultado que foi buscado durante toda a reportagem: uma pessoa que recebeu um órgão, nesse caso, um coração. Mostraram sua emoção em “renascer para a vida”, após todos os procedimentos que precisou passar para realizar seu sonho, que também é o sonho de muitos hoje, não só no Brasil, mas no mundo todo. Os créditos sobem durante a festa em que a família do transplantado comemora feliz o grande acontecimento. Com esses diferenciais destacamos a criatividade, não só em efeitos visuais, mas no próprio formato do programa. A finalização é feita por Julio Inácio, Rafael Armbrust.

Com todas essas constatações, baseadas nas teorias de Felipe Pena, Lima e Vilas Boas, pode-se afirmar que o programa *Profissão Repórter* utiliza, além da investigação, o Jornalismo Literário.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa seguiu orientada pela curiosidade em descobrir se o programa jornalístico *Profissão Repórter*, da Rede Globo, se enquadra aos requisitos necessários para produzir Jornalismo literário. Através de uma investigação com base em estudos bibliográficos, constatou-se que o *Profissão Repórter* produz Jornalismo literário utilizando-se, inclusive do jornalismo investigativo e de outros diversos gêneros jornalísticos. Os objetivos foram plenamente alcançados respondendo com clareza a pergunta de pesquisa.

Com o estudo de conceitos, teorias e históricos foram apresentados *sete pilares do Jornalismo literário e a estrela de sete pontas*, alguns dos métodos que serviram como principal ferramenta de análise de uma edição do programa *Profissão Repórter* da temporada de 2012. Ao longo desse trabalho de pesquisa e análise, constatou-se que, mesmo já havendo um programa que apresenta esse modo de fazer jornalismo, e com todos os avanços na história do jornalismo, a sua união à literatura ainda é uma área, para muitos, desconhecida. Há poucas referências que tratam diretamente do assunto.

Frente a esse panorama, pode-se dizer que é importante que todos os estudantes da área de comunicação compreendam as definições de Jornalismo, Literatura e especialmente o Jornalismo Literário. Ao fim do capítulo 1, as definições ficaram claras e foi construído um conhecimento amplo do surgimento desse gênero literário, de que forma estruturou-se e como vem se desenvolvendo atualmente. É um jornalismo que se esforça para ser sério, ético, com palavra e voz dos sujeitos, assim como tantos outros gêneros do jornalismo. Já concluindo o capítulo 2, foi possível adquirir um conhecimento mais específico em relação ao Jornalismo Literário dirigindo-se à televisão. No capítulo 3, a análise do perfil e da construção da reportagem no programa *Profissão Repórter* respondeu com clareza aos diversos questionamentos criados ao longo deste trabalho.

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi muito significativo, pois acrescentou-se ao conhecimento um formato de jornalismo até pouco tempo desconhecido e, que hoje, é admirado. Com grande esforço e dedicação às leituras, buscou-se o melhor conteúdo disponível, pois, como não há uma disciplina específica na grade curricular do curso de Jornalismo da Universidade de Passo Fundo, ou até mesmo como conteúdo de alguma

disciplina, a curiosidade em buscar o novo serviu como motivação para produzir esse material. As principais dúvidas foram esclarecidas ao fim desta monografia, porém, não se limitam aqui, pois a cada dia, mais questionamentos são formados e esse é o objetivo de toda pesquisa: ir sempre além do que se vê. Esta obra poderá ser visitada por acadêmicos, em trabalhos de pesquisa, professores e demais interessados em conhecer um pouco sobre Jornalismo Literário.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANTES, Haydêe Sant'Ana; MUSSE, Christina Ferraz. *Profissão Repórter: Os desafios da Nova Reportagem Investigativa na TV. 2010.* (Artigo Científico – Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação). Universidade Federal de Juiz de Fora, 2010. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/sis/2010/resumos/r5-1104-1.pdf> Acesso: 2012

ARAÚJO, Mayara de. *Literatura do real.* Disponível em: <http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?codigo=922067>. Acesso: 2012.

BATISTA, Aldenir Castro de Queiroz; CORREIA, Paulo Petronílio. *A Arte da leitura: tecendo aprendizagem.* Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2012. Disponível em: <http://www.unifan.edu.br/files/diracademica/TCC%20Pedagogia%20Aldenir%20Castro%202011%201.pdf> Acesso: 2012

BRUM, Liciane. *A Convergência entre Jornalismo e Literatura nas reportagens televisivas: Uma análise da série de reportagens “A Terra do Meio”.* 2011. (Trabalho de Conclusão de Curso de graduação em Comunicação Social – Jornalismo, Área de Ciências Sociais) Centro Universitário Franciscano. Santa Maria, 2011. Disponível em: <http://lapecjor.files.wordpress.com/2011/04/tfg-final.pdf> Acesso: 2012

BULHÕES, Marcelo. *Jornalismo e Literatura em Convergência.* Ática. São Paulo, 2007.

CAJAZEIRA, Paulo Eduardo Silva Lins. *O texto de TV e o novo jornalismo literário.* 2009. (Artigo Científico – Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Belo Horizonte, 2009. Disponível em: <http://www.fumec.br/revistas/index.php/mediacao/article/view/307> Acesso: 2012

CASTRO, Daniel. *Blog Daniel Castro.* Disponível em: <http://www.noticias.r7.com/blogs/danielcastro/2012>. Acesso: 2012

DEMENECK, Ben-Hur. *Folkcomunicação e jornalismo literário: uma relação que promove um pensar e um agir jornalístico humanista.* 2012. (Artigo Científico – Mestrado em Jornalismo) Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Florianópolis, 2012. Disponível em: http://encipecom.metodista.br/mediawiki/images/c/cb/GT1_03_BenHurDomeneck.pdf Acesso: 2012

FRANÇA, Viviane Amaral. *Jornalismo e Literatura: Uma análise dos elementos jornalísticos e literários e seus hibridismos na construção dos perfis de Joe Gould.* 2008. (Trabalho de Conclusão de Curso – Bacharel em Jornalismo) Centro Universitário de Belo Horizonte, Belo Horizonte, 2008. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/franca-viviane-jornalismo-e-literatura.pdf> Acesso: 2012

JESUS, Rosane Martins de. *A Emoção através dos discursos: a Folha de S.Paulo e a utilização do jornalismo literário como recurso para popularizar a Campanha Diretas Já 1*. In: Artigo Científico (Anais do XI Congresso Regional de Ciências da Comunicação – Intercom). Fortaleza, 2009. Disponível em: <http://paginas.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/7o-encontro-2009-1/A%20Emocao%20atraves%20dos%20discursos%20a%20Folha%20de%20S.Paulo%20e%20a%20utilizacao%20do.pdf> Acesso: 2012

LIMA, Edvaldo Pereira. *Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura*. Barueri, SP: Manole, 2004.

LOPES, Paula Cristina. *Linguagem literária e linguagem jornalística: Cumplicidades e distâncias*. (Artigo Científico – Doutorado em Sociologia) Universidade Autónoma de Lisboa. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-lopes-cumplicidade.pdf> Acesso: 2012

LUCINDA, Tatiana Vieira. *O jornalista como “heróis da informação”: uma análise do Profissão Repórter*, (Trabalho de Conclusão de Curso Bacharel em Comunicação Social na UFJF), Juiz de Fora, 2008. Disponível em: <http://www.facom.ufjf.br/documentos/downloads/projetos/2008-2/TatianaVieira.pdf> Acesso: 2012

MENDONÇA, Kleber. *A punição pela audiência: um estudo do Linha Direta*. Rio de Janeiro: Quartet Editora & Comunicação Ltda., 2002.

MORAIS, Patrícia Almada. *Jornalismo Literário em evidência: Análise de perfis e fait drivers*. (Trabalho de Conclusão de Curso – Bacharel em Jornalismo Centro Universitário de Belo Horizonte, UNI-BH), Piauí, 2010. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/39765192/Jornalismo-Literario-em-evidencia> Acesso: 2012

NICOLA, José de. *Literatura Brasileira: das origens aos nossos dias*. São Paulo: Scipione, 1998.

PENA, Felipe. *Jornalismo Literário*. São Paulo: Contexto, 2008.

PEREIRA, Lindjane dos Santos. *A biografia no âmbito do jornalismo literário*. 2007. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo) Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2007. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/pereira-lindjane-jornalismo-literario.pdf> Acesso: 2012

PICCININ, Fabiana. *Acontecimentos na televisão: rituais da pós-modernidade* (Artigo Científico de Doutorado em programa de Pós Graduação em Comunicação Social. PUC-SC. Santa Cruz do Sul, 2012. <http://www.bocc.ubi.pt/pag/piccinin-fabiana-acontecimentos-na-televisao.pdf> Acesso: 2012

SALATIEL, José Renato. *60 anos da TV no Brasil.: Da improvisação ao vivo à era digital.* Acesso em 2012. Disponível em: www.educacao.uol.com.br/disciplinas/atualidades/60-anos-da-tv-no-Brasil-da-imporovisacao-ao-vivo-a-era-digital.htm. Acesso: 2012.

SILVA, André. *O Jornalismo Literário em García Márquez e Vargas Llosa: do narcotráfico à guerra santa – uma reflexão sobre livros-reportagens.*(Artigo Científico) Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. 2012. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/silva-andre-o-jornalismo-literario-em-garcia-marquez-e-vargas-llosa.pdf> Acesso: 2012

TALESE, Gay. *Fama e anonimato.* Companhia das Letras. São Paulo, 2004.

VIVALDI, G. Martín. *Géneros Periodísticos.* 5ª Edição, Editorial Paraninfo, Madrid, 1993.

WOLFE, Tom. *Radical Chique e o Novo Jornalismo.* Companhia das letras, São Paulo: 2005.